

Importa, contudo, reconhecer que se a nossa Doutrina re-
dentora utiliza os fenômenos dessa ordem, disciplinando-lhes
as manifestações para ajudar e consolar, fortalecer e instruir,
não foi ela quem começou semelhante obra de educação e
benemerência em socorro das criaturas, e sim o nosso divino
Mestre, que encetou o seu ministério sublime metamorfo-
seando a água em vinho nas bodas de Caná, passando ao
magnetismo divino com que levantou paralíticos e limpou
leprosos, restaurando enfermos, restituindo a visão aos cegos
e chamando à vida corpos que a morte já começara a necro-
sar. Foi ele, Nosso Senhor, quem se entreteve a doutrinar os
desencarnados desditosos que residiam nos sepulcros, quem
se compadeceu dos obsidiados, soerguendo-lhes o ânimo,
quem materializou espíritos sublimados no Tabor e quem
voltou da sombra do túmulo para dizer aos companheiros
desalentados e aflitos que a vida prossegue, vitoriosa, além
das cinzas terrestres, conferindo a cada um de nós o resul-
tado de nossas próprias obras, em perenidade de justiça e
ressurreição.

Entretanto, se o nosso preclaro sacerdote, por agora, não
se lembra disso, não se preocupe você e continuemos estu-
dando e servindo, em nosso campo de ação, porque o tempo
tomará conta dele e qual aconteceu a todos nós, os espíritos
recalcitrantes da vida humana, conduzi-lo-á, um dia, imper-
turbavelmente, até o grande rio da morte, em cujas águas
profundas encontrará ele a grande revelação.

Irmão X

Reformador | Agosto de 1957

DOUTRINA RENOVADORA



Espiritismo – doutrina renovadora. Codificada por Allan
Kardec, sob a égide do Senhor, teve os seus princípios
e medianeiros experimentados no laboratório, exami-
nados no gabinete e discutidos na praça pública.

É impossível efetuar-lhe o inventário de preciosas realiza-
ções em vinte lustros de atividade.

Revelou pela demonstração positiva a sobrevivência do
ser além da morte.

Fez-se o pálio de imarcescíveis consolações para a huma-
nidade.

Descerrou as realidades da reencarnação, trazendo senti-
do novo às questões do destino.

Abriu novos horizontes à glória do espírito.

Baseou a fraternidade nos alicerces da razão pura.

E reconstruiu o santuário da fé viva que o dogmatismo
religioso havia transformado em deserto.

Entretanto não será lícito arrear-lhe o lábaro augusto com
atitudes exteriores.

É imperioso que, à feição de seus vexilários humildes, nos arregimentemos para a obra da luz e do amor, abraçando não apenas os nossos compromissos no culto tradicional.

É indispensável a movimentação de nossos valores para que a sua influência divina se estenda a todos os que nos cercam.

A lavoura do coração e do cérebro reclama esforço ingente.

Caridade por disciplina.

Educação por dever.

Virtude e conhecimento.

Benemerência e instrução.

Sem dúvida, achamo-nos muito longe do amor que brilha na auréola dos santos e do fulgor intelectual que ornamenta a fronte dos sábios.

Contudo é preciso começar a sublimação como quem começa a existência.

Diz-nos o Senhor na bênção da Escritura:

– “Misericórdia quero e não sacrifício”.¹⁶

E o Espírito da Verdade, na Codificação de Kardec, afirma convincente:

– “Espíritas, amai-vos, eis o primeiro ensino. Instrui-vos, eis o segundo”.

¹⁶ Nota de Reformador: “Essa frase, em Mat. 9: 13 e 12: 7, na tradução para o Esperanto, em vez de “Misericórdia” diz “Beneficência”, isto é, “Mi deziras bonfaradon, sed ne oferon”.

Urge, assim, que a nossa beneficência não se expresse tão-só na doação daquele supérfluo de que nos desvenciamos com enfado, e que a nossa cultura doutrinária não se limite a mera repetição de fórmulas verbalistas.

Erguer orfanatos, sim, com vistas à infância que o abandono injuria, mas chamar ao calor da própria alma a criança infeliz do lar subnutrido que viceja, mirrado, ao pé de nosso jardim doméstico.

Edificar, indiscutivelmente, sanatórios e retiros para a saúde e refazimento do enfermo que padece na via pública, no entanto não desprezar o doente que, em sua pobreza oculta, sofre em silêncio a prova que regenera.

Materializar, decididamente, institutos e escolas que formem, com valor, na extinção da treva, todavia ofertar a lâmpada do alfabeto ou o socorro de um livro nobre ao companheiro que viaja na sombra da ignorância ou do desespero.

Todos somos calcetas à frente da justiça divina.

Todos, porém, detemos valiosos recursos para ajudar no apostolado da libertação uns dos outros.

O auxílio que ninguém pede é a chave milagrosa do auxílio de que todos necessitamos.

Multipliquemos os nossos potenciais de trabalho renovador, retirando-nos de nós mesmos ao encontro do irmão que passa.

Embora sejamos almas detidas nas grades da Lei, para justas reparações, ainda assim é possível fazer muito.

Jesus, o Senhor, veio da magnificência divina, buscando, com discrição e bondade, as chagas de nossa imensa miséria para leni-las com bálsamo salutar.

Reconfortou-nos e instruiu-nos, tolerou-nos e curou-nos, sem condenar a incompreensão com que lhe preparamos a cruz.

De posse, hoje, dos tesouros eternos do Espiritismo, saibamos, desse modo, esposar como nosso dever puro e simples o culto da assistência fraterna e o serviço da educação.¹⁷

Emmanuel

Reformador | Janeiro de 1958

CALVÁRIO ACIMA



O calvário das provas terrenas é o preço de nossa ressurreição.

Agradecemos a poeira da senda que atravessamos sob o peso da cruz, bendizendo as chagas que purificam o coração.¹⁸

A dor revela júbilos sublimes como a noite descerra as maravilhas celestiais.

Tenhamos coragem, ainda e sempre.

Enquanto escalamos o monte da redenção, o suor e o pranto da fadiga nos expurgam a face, muita vez, enevando-nos a visão, contudo atingiremos o Alto e, de joelhos, abençoaremos os espinhos que nos dilaceraram e as pedras que nos feriram.

Decerto, no jardim humano, o perfume das flores passageiras nos entontece, mas no escabroso caminho da ascensão espiritual nossas flores mais belas são as que desabrocham da compreensão e do amor que nunca morrem.

¹⁷ Segundo consta do original, a mensagem foi recebida em 17/11/1957. Não há referência de local.

¹⁸ Trecho reproduzido no livro *Dicionário da alma*, psicografado por Chico Xavier, por espíritos diversos (FEB, 1964).